

Herrmann, Lucila. O método ecológico em Sociologia. *RBSE Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 16, n. 48, p. 149-165, dezembro de 2017.

SEÇÃO DOCUMENTOS

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/>

O método ecológico em Sociologia*

The ecological method in Sociology

Lucila Herrmann

Resumo: Este artigo da Dra. Lucila Herrmann que abre a *Seção Documentos* da RBSE, sobre os *Intercionistas no Brasil*, versa sobre o *Método Ecológico na Sociologia*. Este artigo, - publicado pela *Sociologia. Revista Didática e Científica*, em seu v. 1, n. 3, de 1939, sob a direção de Romano Barreto e Emílio Willems, - constitui um esforço singular de demonstração do método ecológico para o estudo do urbano em cidades que começavam a se expandir e se complexificar, como se deu no ambiente de Chicago, da primeira geração de interacionistas, e como se encaminharia a sua aplicação em uma cidade como São Paulo e em outras brasileiras, entre os anos de 1930 a 1960. **Palavras-chave:** Lucila Herrmann, método ecológico, interacionismo no Brasil, sociologia e antropologia urbanas no Brasil

Abstract: This article by Dr. Lucila Herrmann, which opens the RBSE *Documents Section* on *Interactionists in Brazil*, deals with the Ecological Method in Sociology. This article, - published by *Sociology. Didactic and Scientific Magazine*, in his v. 1, n. 3, 1939, under the direction of Romano Barreto and Emilio Willems, - constitutes a unique effort to demonstrate the ecological method for the study of the urban in cities that were beginning to expand and become complex, as in the Chicago environment, of the first generation of Interactionists, and how its application in a city like São Paulo and in other Brazilian cities, between the years 1930 to 1960 would be directed. **Keywords:** Lucila Herrmann, ecological method, interactionism in Brazil, sociology and Anthropology in Brazil

Muito se tem falado ultimamente sobre o método ecológico e, por isso, parece-me oportuno tratar neste número de seu valor e características. Do ponto de vista da Sociologia urbana, o método ecológico que, aliás, não é um método, mas uma técnica de pesquisa que abrange muitos métodos, tirando do prestígio de cada um deles o seu próprio prestígio, parece-me um dos mais completos meios de que dispõe a Sociologia para uma perfeita compreensão da realidade social.

Mais que o método monográfico que procede por contagem e medida sobre um objeto único (Cuvillier, *Introduction á la sociologie*¹, p. 144), mais que o método comparativo que fraciona a realidade social prejudicando, assim, a sua compreensão, o método ecológico busca apresentar os fenômenos sociais em sua completa interpenetração. Os métodos de que lança mão são os seguintes:

* Publicado originalmente em *Sociologia. Revista didática e científica*, v. 1, n. 3, p. 106-133, agosto de 1939.

¹ Cuvillier, A. *Introduction á la sociologie*. Paris: Coll. Armand Colin, 1936. [Informação complementada pela RBSE].

O Método Estatístico

Este é um instrumento de análise indispensável ao sociólogo. Com efeito, no domínio sociológico a Estatística é uma forma privilegiada de inferência de hipóteses, mormente porque a tendência da Sociologia é, - não somente como a das outras ciências quando tenta erigir leis, - a de eliminar o singular, o acontecimento, o histórico-geograficamente localizável e buscar o geral, como eliminar o individual e subjetivo no que ele se opõe ao social.

A Estatística age sobre fenômenos em massa, sobre o grupo, sobre a síntese social, cujos elementos componentes – indivíduos – não interessam, por ser função do conjunto-meio social. A lei estatística não é na Sociologia mais a simples expressão das regras do cálculo de probabilidade, mas exprime o resíduo permanente depois de eliminadas as particularidades individuais, ou seja, o que é imputável ao fenômeno social em si mesmo. Como instrumento de descrição quantitativa (Bowley²) da sociedade considerada como um todo organizado, a Estatística é uma técnica excelente de trabalho sociológico e a sua melhor contribuição consiste justamente nisto: separar a Sociologia de qualquer resíduo ou influência psicológica e mesmo da Psicologia Coletiva.

Ao realizar uma pesquisa sob o ponto de vista do método monográfico, verifiquei a atração profunda que a análise psicológica, - diante da observação dos fatos, das confidências colhidas, em fragmentos, - exerce sobre o espírito do pesquisador. O social é esquecido pelo psicológico, pelo individual. O método estatístico isola o coeficiente psicológico e individual e torna-se, assim, uma descrição quantitativa impessoal e uma técnica fria e objetiva. Ela permite organizar representações simples e esquemáticas de um todo complexo, facilitando a comparação ulterior.

O método ecológico serve-se largamente do estatístico, na manipulação de seus dados: achar a curva dos índices econômicos, das diferentes zonas; dos demográficos, dos processos sociais resultantes, e incorre em todas as dificuldades inerentes a ele.

Todos os que já trabalharam em pesquisa sob o método estatístico sabem quanto é difícil levantar uma estatística válida. Vários são os dispositivos para que uma estatística mereça consideração. Entre outros, lembramos os relativos aos grupos representativos.

É sabido que a Estatística é um processo de simplificação sob a lei dos grandes números. Assim, em vez de uma medida total, nem sempre possível, ela apresenta uma medida parcial, feita sobre um grupo representativo, cuja escolha deve obedecer:

1. O grupo representativo deve ser da mesma natureza que o grupo que se quer estudar. Tão heterogêneo quanto este.
2. É necessário que nenhum critério seletivo presida a escolha dos indivíduos que formam o grupo representativo, devendo Ester ser tomado ao acaso.
3. A escolha de um indivíduo não deve determinar a escolha dos demais. Exemplo: uma pesquisadora, em um trabalho dirigido pela prefeitura sobre o padrão de vida dos funcionários de limpeza pública, ao inquirir de um dos seus pesquisados soube que cinco de seus vizinhos também eram funcionários da limpeza pública, e os anotou. Ora, as condições de vida dessas seis famílias morando no mesmo

² Arthur Lyon Bowley (1869-1957). Estatístico e economista inglês, trabalhou com estatísticas econômicas e foi pioneiro no uso de técnicas de amostragem em pesquisas sociais. [Informação complementada pela *RBSE*].

cortiço, evidentemente iguais, poderia pesar no resultado estatístico, desobedecendo ao critério do acaso da escolha.

Outra questão debatida é a do número de indivíduos de um grupo representativo. Holzinger³ apresenta como mínimo para pesquisas psicológicas 50 indivíduos e o máximo de 1/10 da população. Chaddock⁴ acha que não se pode estabelecer um máximo, contudo, desde que se conheça a composição da população, o critério seletivo serve para tornar a proporção dos indivíduos no grupo representativo igual a do grupo total.

Uma boa estatística não é uma simples contagem da população e, nisso, se difere do método monográfico que procede por contagem e medida sobre um objeto único (Cuvillier, *op. cit.*, p. 145), mas age, em geral, sobre um todo organizado e complexo, caso típico dos fenômenos sociais. Impõe-se, então, definir precisamente o fenômeno a estudar, e tomar depois um número de casos constantes para que as conclusões sejam válidas. Explico-me: estudando diferenças individuais em Psicologia, Jordan apresenta o seguinte quadro:

Nº de medidas	7 anos	8 anos	9 anos	10 anos
Crianças brancas	18	108	48	82
Crianças pretas	6	139	97	62

Os grupos de 7 e 10 anos apresentam diferenças numéricas muito grandes para que o resultado seja significativo.

A interpretação das estatísticas merece maior cuidado ainda. É justamente nesse ponto que encontrei maiores dificuldades em uma pesquisa ecológica que realizei e que será publicada pelo Congresso Internacional de Sociologia Urbana. As próprias correlações estatísticas podem ser enganadoras quando não levam em consideração outros fatores que poderão influir sobre o fenômeno visado. Exemplo: um dos meus professores de Estatística iniciou um estudo sobre correlação do preço do café e nupcialidade em São Paulo, sendo levado a crer em uma correspondência funcional dos dois fenômenos. Pesquisas posteriores sobre imigração o levaram a conclusões diferentes.

Vemos quanto é delicado o processo de interpretação das estatísticas pelos trabalhos sobre suicídio de Durkheim, Halbwachs, Delmas; *Le suicide, Les causes Du suicide, Les causes pathologiques du suicide*.

O Método Histórico

Outro método de pesquisa usado pelo ecológico é o histórico: único instrumento de experimentação em Sociologia, para Durkheim; o melhor processo para compreender certas manifestações culturais, - método da sobrevivência, remanescentes culturais, - anômalas, segundo Rivers. Usando-o, a Ecologia ataca um dos modos pelos quais se processa a dinâmica social.

³ Holzinger, - junto com Newman e Freeman, - estudou 20 casos de gêmeos homozigotos criados em ambientes distintos e 50 casos de gêmeos criados juntos, criando um coeficiente de pertencimento, ainda utilizado nas pesquisas em psicologia. Ver, entre outros trabalhos, Holzinger, K. J. The relative effect of nature and nurture influences on twin differences. *Journal of Educational Psychology*, n. 20, p. 241-248, 1929. [Informação da RBSE].

⁴ Chaddock, Robert E. *Principles and methods of statistics*. Boston : Houghton Mifflin Company, 1925. [Informação complementada pela RBSE].

A História é um ótimo instrumento de análise. Seguindo quer um fato, quer um todo social em suas manifestações através do tempo, compreendemos melhor as modalidades que ele adquire em contato com outros fatos, - difusão cultural, contatos de culturas, - e sociedades, ou as transformações que adquire pelo próprio dinamismo de seus processos internos. A Sociologia cultural, ao mostrar a parte que cabe à difusão e aos contatos das culturas na manifestação dos processos sociais, revelou o quanto a história é necessária à compreensão dos fatos sociais.

O Método Geográfico

A noção ecológica da influência da ocupação e de outros fatores sociais na determinação da localização e distribuição da população, reduzindo a morfologia social ao fato espaço, e a dinâmica social ao fator mobilidade, apresenta um aspecto original dos fatos sociais, possível de representação cartográfica e tratamento matemático. Poderia parecer que a Ecologia, desde que se interesse pela posição e distribuição das plantas e animais, constituísse uma ciência geográfica. Não há tal. A Ecologia não é ciência geográfica. Não é o homem, mas a comunidade que a interessa. Não as relações humanas com o habitat, mas com os outros homens. A Ecologia humana busca salientar não tanto o fator geográfico, mas o fator – *espaço*, - ou seja, distância.

Ora, desde que a estrutura social possa ser definida em termos de posição, e as mudanças sociais descritas em termos de movimento, a sociedade exhibe um de seus característicos passíveis de tratamento matemático. É justamente porque o meio, as ocupações e outros fatores diferentes determinam a distribuição da população e o lugar dos indivíduos e grupos, das associações, etc. é que as gerações de espaço tomam tal importância.

Porque as relações sociais são frequentemente e inevitavelmente correlatas às espaciais; e porque as distâncias físicas, frequentemente, parecem ser o índice das sociais, que a Estatística tem tanto valor em Sociologia. É somente porque os fatos sociais e os físicos podem ser reduzidos ao fator espaço, é que eles podem ser medidos. A Ecologia considera o estudo da Geografia como uma das formas de comportamento social, como o primeiro passo para a análise das forças que determinaram esse comportamento (Young, *The social base map*)⁵.

É porque os indivíduos, animais e plantas, formam grupos, que podem ser classificados pela combinação particular dos elementos que contém. As vidas compatíveis vivem lado a lado e as incompatíveis evitam-se. Os mapas mostram a distribuição dos movimentos nas várias formas de vida, em uma área; são análogos às fórmulas gráficas do químico que mostram as relações dos elementos constituintes do composto. A Ecologia aconselha na representação gráfica dos mapas ecológicos o uso de um mapa básico que habilite o estudioso a fazer correlações entre os gráficos e os elementos geográficos. O mapa ecológico seria, assim, um mapa geográfico comum, com a representação das áreas ecológicas e alguns aspectos permanentes da organização comunal tais como: propriedades de estradas de ferro, indústrias, comércio, parques, jardins públicos e privados, cemitérios, áreas vazias, propriedades vagas, etc., expresso por cores e sinais apropriados.

O uso do mapa é imprescindível. Permite a apreensão rápida do fenômeno estudado em seus múltiplos aspectos, tais como: a densidade da população, o grau de vizinhança, concentração, indicados por cores mais fortes; certos fenômenos sociais, tais

⁵ Young, Erle Fiske, *The social base map*. *Journal of applied sociology*, n. 9, p. 202-206, December, 1924. [Informação complementada pela RBSE].

como, a localização da delinquência, do meretrício, da criminalidade; a concentração comercial e seus diferentes aspectos...

Erle Fiske Young acentua a importância maior do mapa por permitir correlações: cada um sendo complementar do outro e correlatos aos gráficos estatísticos. Estabelecidas curvas correlatas aos mapas, assim, obteríamos as seguintes informações graficamente representadas:

4. A natureza da população segundo a raça, cor, densidade, e algumas indicações sobre o grau de isolamento.
5. O estatus econômico revelado pela propriedade da casa, grau de dependência, tipos de instituições locais, casas coletivas ou únicas, etc.
6. O grau de conformidade ou não com a comunidade e padrão moral, como o revelado pelo índice de delinquência, divórcio, crimes, suicídios, etc. de cada área.
7. O caráter do emprego dos lazares, revelados pelos passatempos comercializados ou não.
8. Certos dados ecológicos relativos à vizinhança, transportes, comunicação, mobilidade, etc.

Aconselha a organização do mapa de cinco em cinco anos para se julgar o impulso dinâmico da comunidade e a indicação da tendência e intensidade de desenvolvimento da região.

A concepção teórica da Ecologia

A invasão, a sucessão e as transformações estatísticas. Estudos detalhados em Ecologia vegetal e animal revelaram dois conceitos que a Ecologia humana buscou analisar nas manifestações sociais: o da *invasão* de elementos heterogêneos em uma área, determinando mudanças nos processos vitais dessa área; e o da *sucessão*, determinando uma tendência em cada área a passar por sucessivos estágios de desenvolvimento.

Invasão

Em toda a comunidade a intromissão de um elemento heterogêneo, arrivista, determina um conflito que resulta no deslocamento gradual da espécie até então dominante e, então, vencida (se o for) para uma área seguinte. Assim, vemos em uma floresta um limitado número de espécies possantes que ocupam um terreno quase despido de plantas e cobertos por lichens, etc. que vivem da sua sombra e lhes fornece umidade; a partir desta vemos grupos definidos de espécies que se sucedem até a periferia. Ora, o crescimento de novas espécies possantes, - carvalhos, cedros, taboris, etc., - em pontos ocupados por espécies subalternas, faz com que estas, incapazes de manter o equilíbrio vital com a dominadora, abandonem a zona e se estendam para as áreas vizinhas.

Expressas em curvas estatísticas, teríamos sucessivas ogivas de Gauss mostrando o processo dinâmico das invasões e dominância, em que as transições representariam justamente a zona invadida. As espécies dominantes, em número mínimo de exemplares, ocupariam o ponto inicial da curva e as espécies mais dominadas possíveis, também rarefeitas porque não têm forças para disputar o terreno que lhes eram próprios contra as contínuas invasões, ocupariam o ponto final; a região central, entre os sigmas seria ocupada pelas espécies subalternas, muito mais numerosas do que as espécies extremas.

O conceito de invasão lança necessariamente o da sucessão

A sucessão é a tendência dos grupos definidos em áreas ecológicas a passar por diferentes estágios de atividade e uso, tomando aspectos diferentes e desenvolvendo processos diferentes. É essa, segundo Steiner, em *The Japanese invasion*⁶, a parte mais atraente da Ecologia.

Há uma continuidade econômica que torna o ciclo das sucessões humanas tão pronunciado e inevitável como o das plantas e animais. O conceito de sucessão é uma das heranças felizes que a Ecologia Social recebeu da Biologia.

A Ecologia biológica descreve as respostas dos organismos aos fatores ambientes; mede as exigências do ambiente ou o limite vital dos organismos e discute porque animais e plantas atingem níveis complexos de desenvolvimento e depois desaparecem para dar lugar a outros grupos animais e vegetais. Verificou-se que plantas e animais formam, dentro de uma área geográfica, uma comunidade, isto é, uma diversidade de unidades adquirindo sob a pressão de fatores, - atmosféricos, geográficos, biológicos, etc., - certa uniformidade e organização que se exprime por um aspecto econômico definido. Dentro desta comunidade, formas diferentes de crescimento se combinam a ponto de formar um único agregado, com tipo definido: região tropical, extremamente complexa, regiões equatoriais, regiões desérticas.

Dentro da comunidade verificam-se os processos de simbiose (viver juntos) com suas formas de competição, mutualismo, parasitismo, comensalismo. O comensalismo é o tipo mais simples de simbiose, como afirmou Van Beneden⁷. Consiste em espécies diferentes localizadas juntas, partilhando entre si as mesmas reservas nutritivas e acomodando-se, por um processo vital adaptativo. A igualdade da procura em relação à oferta alimentar cria competições e morte ou imigração das espécies menos aptas para a luta, exceto em regiões desérticas, onde o solo é tão pobremente vestido que a reserva alimentar é sempre suficiente. Algumas espécies são mais sociáveis do que outras e, devido a causas biológicas, melhor aparelhadas para formarem comunidades. Outras crescem solitárias, como as orquídeas.

A desigualdade de exigência em relação ao alimento cria a harmonia entre as espécies e a heterogeneidade da comunidade. Quando uma espécie pede justamente o que a outra espécie evita, tornam-se complementares. Vemos, assim, um limitado número de espécies potentes, como monarcas da comunidade, cercadas de outras muito mais numerosas, permanecendo subalternas. Vemos como exemplo desse comensalismo, o processo de vida de espécies que mergulham no chão, em profundidades diferentes, as suas raízes; e o de espécies periódicas, que se alimentam em diferentes épocas do ano.

O parasitismo é um processo mais complexo e implica a exploração de uma espécie pela outra, como o das orquídeas, dos *pediculus captis*. O mutualismo é um parasitismo recíproco, ou uma troca de favores iguais, ou quase, como nos mostra o estudo de [William Morton] Wheeler sobre *Aunts and their structure development and behavior* [New York, Columbia University Press, 1910]⁸, em que estuda as relações das formigas *Lasius Flavius* e dos afídeos. As formigas protegem, domesticam, constroem estábulos para esses insetos que representam seus rebanhos. Os afídeos quando domina-

⁶ Steiner, Jesse Frederick. *The Japanese invasion: a study in the psychology of interracial contacts*. Chicago: A. C. McClurg & Co. 1917 – com Introdução de Robert Ezra Park. [Informação complementada pela RBSE].

⁷ Édouard Joseph Louis-Marie Van Beneden (1846-1910) biólogo, citologista e embriologista belga. [Informação complementada pela RBSE].

⁸ Informação complementada pela RBSE.

dos pelas formigas adquirem pequenas modificações morfológicas e funcionais mais aptas a servirem às exigências das formigas. São as suas vacas leiteiras.

A domesticação animal ou humana é uma forma de mutualismo com base em parasitismo maior ou menor de uma espécie sobre a outra. Grande parte da cultura humana se realiza por domesticação ou sob essa forma mais elevada de domesticação que é a educação.

A continuidade e persistência dos grupos sociais

O que nos podem trazer de interessante essas questões da Ecologia biológica? Coisas interessantíssimas, que abrem para a Sociologia horizontes matemáticos na análise e medida dos seus fenômenos. Vejamos: foi sempre um problema capital da Sociologia determinar, em termos objetivos, o fato palpável da continuidade e persistência dos grupos sociais. Observada objetivamente, como uma coisa, a sociedade parece feita de unidades móveis independentes... e, contudo, ela não se desagrega... O problema consiste, pois, em compreender a natureza dos laços sociais e em medir a intensidade dos contatos que unem essas unidades e notar como as conexões entre elas são mantidas.

Ora, em seu nível mais inferior, as sociedades humanas aproximam-se das vegetais e animais, onde as relações entre as espécies e indivíduos parecem, à primeira vista, fortuitas e exteriores. Contudo, dentro dessa aparência vemos uma cooperação intensa; certas espécies provêm, com sua presença, um ambiente mais favorável para o desenvolvimento de outras. Por exemplo: o carvalho e o musgo – mutualismo.

Esse ambiente executa mudanças que correspondem a crescimento, desenvolvimento e morte. Cada comunidade de plantas tem uma vida definida: nasce, cresce, envelhece, morre e, ao morrer prepara um ambiente no qual outra forma de comunidade encontra ambiente natural para viver. Esse processo de sucessão estudado detalhadamente nas comunidades animais se repete nas sociedades humanas. Cada área cultural invadida, dominada, afasta-se, deixando um terreno preparado para a vida de outras áreas culturais.

Nas comunidades humanas temos além da ação dessas forças biológicas inconscientes, outras mais complexas, em que a inteligência, a linguagem, a divisão do trabalho, a cultura, criam, pelo consenso social, uma solidariedade orgânica. Os indivíduos associados não só provê, pela associação, um ambiente físico no qual todos podem viver como são, pela divisão do trabalho, pré-adaptados uns aos outros, de um modo que não encontramos nas comunidades inferiores e que amortece as formas fatais de conflito, verificadas nessas comunidades.

A sucessão se processa por um avanço em área geográfica. Há uma continuidade econômica que torna o ciclo das sucessões humanas tão pronunciado, como o das plantas e animais. As regiões de uma cidade passam por estágios de uso e ocupação com uma regularidade tal (McKenzie⁹) que pode ser expressa em termos matemáticos. A congestão determinada pelo processo natural de desenvolvimento determina invasões. Estas se exprimem por uma mudança de costumes regional e mudança de ocupante.

Os processos sociais

A noção de invasão e sucessão se deu à Ecologia social uma visão mais nítida dos fatos sociais pela análise dos processos sociais que as transvariações dos índices

⁹ A autora se refere a Roderick McKenzie, que assina ao lado de Robert E. Park e Ernest Burgess a organização do clássico *The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1925. [Informação complementada pela RBSE].

econômicos e demográficos revelam, o estudo dos processos sociais iluminam as conclusões das pesquisas ecológicas em relação à estática (morfologia).

Cinco são os processos sociais apontados por Bogardus¹⁰ como indispensáveis à compreensão da morfologia das comunidades. São eles: a concentração, a centralização, a segregação, a invasão e a dominância.

Concentração e Centralização

A concentração implica o crescimento da população por causas biológicas, - nascimento, porcentagem de casamentos, etc., - e sociais, - imigração. Onde a mobilidade é limitada (falta de comunicação), o crescimento é determinado pela reserva alimentar do meio. A concentração pode ser determinada por causas físicas (produção) ou por forças sociais centralizadoras, - comércio, vantagens educativas, prestígio social, etc.. A centralização é a reunião de indivíduos em certos pontos regionais, devido ao contato diário e impelidos por forças diferentes: ganhar a vida, divertimentos, devoção, educação, etc.

A centralização é sempre acompanhada pelo processo da divisão do trabalho e especialização. Quando a centralização se torna congestão começa a descentralização. Ambas são função da mobilidade social. O grau de centralização varia com a procura da atividade e, assim, quanto mais especializado maior distância atinge essa atividade. É assim que o centro das comunidades torna-se o centro focal de atividades altamente especializadas.

Segregação

Segregação é a tendência que os grupos e áreas culturais uma vez constituídos têm de trabalhar juntos em grupos coesos e separados, evitando todo contato com elementos heterogêneos. A segregação é o resultado do trabalho de várias forças de seleção, tais como a competição econômica, a competição social, o radicalismo, o espírito de campanário (*esprit de cloché*).

A competição econômica é um dos fatores mais fortes da seleção e, assim, os índices econômicos são reveladores das diferentes zonas segregadas. A segregação econômica decresce em homogeneidade à medida que subimos na escala econômica. Quanto mais baixo o nível econômico, mais uniforme se torna o estatus econômico devido a precariedade dos meios de escolha. O *slum* é a zona de menor escolha.

A segregação pode ser voluntária e, nesse caso, ela reforça um estatus social, como verificamos na área da alta burguesia, com suas horas certas de reuniões, diversões, seu modo típico de vestir-se, de tratamento social... e, no retraimento com que, uma vez invadidas por elementos arrivistas e estrangeiros, de outras áreas culturais, as horas ou lugares onde exibem o seu esnobismo, procuram marcar um desejo de afastamento, de lugar aparte, de distância social.

A segregação pode ser imposta e, nesse caso, importa na perda de um estatus social. A zona do meretrício, em todas as cidades, sofre essa segregação imposta, devendo manter-se em lugares indicados pelos poderes públicos, frequentar diversões em horas ou lugares obrigatórios, não passar pelos lugares de maior movimento em qualquer ho-

¹⁰ Emory S. Bogardus (1882-1973) foi uma figura importante na história da sociologia americana. Fundou, em 1915, um dos primeiros departamentos de sociologia nas universidades norte-americanas, precisamente na Universidade do Sul da Califórnia. No livro *Immigration and race attitudes* [Oxford, England: Heath, 1928] Emory Bogardus discute os princípios à compreensão morfológica de uma sociedade ou comunidade. Veja sobre a questão, Luis Pinto Ferreira e Carlos H. Alba. Emory S. Bogardus y los nuevos fundamentos de la morfología social. *Revista Mexicana de Sociología*, v. 11, n. 1, p. 21-56, 1949. [Nota da RBSE].

ra, etc.. Os guetos judaicos, as tribos boemias, etc. formam grupos sociais que sofrem segregação imposta.

A *invasão*, já estudada, se caracteriza por um estágio inicial que se evidencia pela elevação do preço do terreno e baixa de propriedade, fornecendo base para a desorganização, necessidade de alugar a propriedade a funções parasitárias e segregadas. Os vícios, em geral, se concentram nessas áreas de transição. Segue-se a este estágio inicial outro secundário em que a invasão segue o seu curso, havendo então conflitos, deslocamentos, seleção, violação das leis de competição, falências e formação de associações para a resistência e defesa. O clímax é atingido quando a área ecológica surge definida e se mostra capaz de sustentar invasões ulteriores. Por exemplo, o desenvolvimento do distrito residencial caracteriza-se, no começo, por uma diversidade de preços que vão, aos poucos, tendendo para um nível homogêneo.

A invasão determina como vimos a sucessão, e faz com que as áreas geográficas passem por estágios de cultura diferentes. Vemos em São Paulo as zonas pioneiras: o café ceder lugar ao algodão e, depois, à policultura (vale do Paraíba); as zonas de pequenas cidades de interior ceder lugar a grandes cidades que se tornam outros tantos centros focais de distribuição e comércio: nascimento de Marília, Ribeirão Preto, Barretos, etc.; na próxima cidade de São Paulo, vemos as regiões próximas do Triângulo, hoje centro econômico-político-administrativo, em 1890 eram de residências modestas, em 1860 eram residências de luxo, em 1800, suburbanas, talvez.

Dominância

A dominância consiste, para Mckenzie, em relações integrantes entre partes de um todo ou de uma organização, na qual uma porção do todo domina e controlam as outras, constituindo um centro focal. O centro comercial-administrativo representa bem esse processo social. A área residencial de luxo representa, em relação a moda, também, um ponto de dominância.

Atacamos com a noção de processos sociais um dos pontos nevrálgicos da Ecologia humana. Sorokin¹¹, - apresentando em seu *Contemporary sociological theories* uma visão de conjunto dos estudos sociológicos contemporâneos, e analisando as diferentes escolas sob o ponto de vista da contribuição teórica de seus postulados, - classifica como pertencendo à Sociologia Formal moderna a maior parte dos pesquisadores de Ecologia; temos entre os acusados: Robert Park, Ernest Burgess; Emory Bogardus, Mckenzie, etc. Afirma:

9. Mais formal são as classificações de sociólogos como Ross, M. em *Principle of Sociology*; Park, R. e Ernest Burgess, em *Introduction to the Science of Sociology*; Emory Bogardus em *Introduction of Social Psychology*. R. Park e E. Burgess experimentam dar uma análise dos fatos essenciais, na forma de um estudo de alguns processos sociais fundamentais, como isolamento, contato social, interação, competição, conflito, acomodação, etc.

E, criticando a Sociologia Formal:

10. A necessidade de uma sistematização dos processos sociais e das relações humanas é evidente, contudo, o problema ainda não está resolvido, como evidencia a heterogeneidade das classificações formalistas. 2. A falta de definição clara de muitos processos sociais permite confusões que comprometem a Sociologia Formal. 3. A falta

¹¹ Sorokin, Pitirim A. *Contemporary sociological theories*. New York: Harper & Brothers, 1928. [Informação complementada pela RBSE].

de diferenciação entre certos processos permanentes e universais e outros temporários, encontrados em grupos específicos, em períodos distintos. 4. A tendência da Sociologia Formal e alguns relacionistas a limitar o estudo da Sociologia ao estudo das formas de relações sociais é falsa. Como a sistematização botânica ou zoológica das plantas e animais, a classificação e análise das relações sociais e processos, compreende somente uma parte da Sociologia. Limitar o seu conteúdo a essa parte é cortar da Sociologia a sua parte mais vital e levar a Sociologia a uma ciência escolástica e morta...

Ora, se os primeiros livros dos citados sociólogos incorreram nessa crítica de formalistas, Park e Burgess, Mckenzie, etc., como ecologistas fogem a ela porque eles buscam estudar os processos sociais como função explicativa da morfologia social e, assim, não abandonam os processos pela forma. E é justamente essa parte, formalista e teórica, segundo Sorokin, que conduz a Ecologia ao conteúdo da matéria social, à estrutura morfológica que a sociedade adquire sob a ação das forças internas e externas.

Ora, nós sabemos que a noção de morfologia social foi uma das mais felizes de Durkheim, depois retomada por Mauss em *Les variations saisonnières des sociétés esquimo*¹², e por Bouglé em *Les idées égalitaires*¹³. Ao defender a ideia de que os processos sociais estão em função das modificações quantitativas do grupo social no seio do qual se passem, Durkheim dava vida à mesma ideia esboçada pela Sociologia Marxista. Em *l'Année Sociologique*, tomo II, formula claramente sua concepção de morfologia social:

11. A vida social repousa sobre um substrato determinado tanto pela forma como pelo tamanho. Os seus componentes são os indivíduos. O modo pelo qual são localizados no solo, a natureza e configurações das coisas que afetam as relações coletivas, de acordo com a concentração e densidade da população, nas cidades ou sua dispersão no campo, o modo pelo qual as casas são construídas, o espaço ocupado, as vias de comunicação, etc. determinam diferenças no substrato social. Todos esses fatos referentes a um único objeto devem pertencer a uma só ciência: a morfologia social.

Em *Année*, tomo III, ele elabora uma análise mais profunda da significação da morfologia social e os efeitos da densidade, já não mais da sociedade total, mas de cada um dos grupos e subgrupos que a formam.

12. A natureza do substrato depende não somente do número de elementos que compõe a massa da sociedade no seu conjunto, da aproximação, configuração externa, etc., como da densidade de cada um dos grupos elementares cuja reunião constitui a sociedade total e a base geográfica deve, também, ser tomada em consideração. A vida social será diferente conforme o número desses grupos, sua densidade, distribuição, morfologia, coesão...

Em *Les règles de la méthode sociologique*¹⁴ (1927, p. 100) diz:

¹² Mauss, Marcel. Essai sur les variations saisonnières des sociétés eskimo. Étude de morphologie sociales. *l'Année Sociologique*, t. IX, p. 39-132, 1904-1905, com a colaboração de H. Beuchat. [Informação complementada pela RBSE].

¹³ Bouglé, Célestin *Les idées égalitaires. Étude sociologique*. Paris: Félix Alcan, Éditeur, 1925. [Informação complementada pela RBSE].

¹⁴ Durkheim, Émile. *Les règles de la méthode sociologique*. Felix Alcan, 1927 [Informação complementada pela RBSE].

13. Considero morfologia social a parte da Sociologia que tem por objeto constituído os tipos sociais... uma vez constituídos esses tipos, o pesquisador deverá distinguir em cada um deles as variações diferentes, correlatas ao grau de individualidade ou absorção pela massa total, guardadas pelas sociedades segmentares.

Em *De la division du travail social*¹⁵ Durkheim estuda esse fato como função da densidade dinâmica, para ele constituindo o índice sensível dos processos sociais.

Bouglé, em *Les idées égalitaires*, pretende explicar a difusão das ideias democráticas no Ocidente pelas mesmas causas.

14. As zonas em que triunfam são as mais densas, de população acumulando-se nas cidades, estados, etc., em densidade que destrói a influência das castas, tão predominante nas sociedades Orientais. No império Romano, quando o tamanho, densidade, heterogeneidade da população crescia, os privilégios de nascimento desapareciam. As ideologias igualitárias, as ideias de democracia, liberdade, originam-se nas cidades. Os campos com maior densidade (Lancashire, por exemplo, 707 habitantes por milha quadrada) são mais democráticos que os da Rússia, por exemplo. O dogmatismo religioso decresce com o crescimento da mobilidade...

Mauss, em *Les variations saisonnières des sociétés eskimo*, mostra como as variações de estação agem sobre a densidade social, determinando dois grupos demográficos, dois sistemas jurídicos, morais, econômicos, místicos, concluindo que as diferenças quantitativas da sociedade determinam as variações qualitativas. Mauss, insistindo sobre o termo estrutura, e o empregando, mostra como ele pode apresentar um significado diverso: designar os subgrupos sociais, domésticos, federativos, clânicos, etc., que estão em relação sem, contudo, estarem em contato; ou qualquer coisa que nada tem de material, isto é, poder político, classes de idade, hierarquia militar, que implicam uma aproximação jurídica e não somente física. Mas, comenta Mauss, inúmeras estruturas se apresentam visíveis aos olhos e dão lugar a manifestações mensuráveis: repartição da população sobre o solo nas proximidades de águas, em cidade, casas ao longo das vias, localização industrial, correntes humanas de imigração, etc., fenômenos graficamente representáveis, cujo conjunto desenharia o corpo da sociedade, o substrato material.

15. Não há sociedade sem duas coisas: o grupo que a forma ordinariamente sobre um solo determinado e as representações e movimentos desse grupo (Mauss)

Assim, o estudo desses movimentos constituiria a fisiologia social, estreitamente dependente da morfologia social. Mas, se os postulados da teoria se prendem à análise da estrutura social - em seus tipos constituintes (Durkheim), ou em seus grupos e subgrupos, ao estudo matemático da densidade dinâmica e mobilidade social, - as realizações permanecem, ainda, longe do desejado, dialéticas, estudando fenômenos gerais, como Durkheim (*De la division du travail social*) e Bouglé (*Les idées égalitaires*), ou um pouco menos imbuídas desse defeito em Mauss (*Les variations saisonnières...*), em grupos primitivos, onde o papel da densidade e mobilidade no atrito dos grupos e determinação dos processos sociais é mínimo.

A Ecologia retoma esses princípios da Escola Sociológica Francesa os aplicando ao estudo das cidades, mostrando a estratificação do todo social e os grupos e subgrupos

¹⁵ Durkheim, Émile. *De la division du travail social*. Paris: Félix Alcan, 1893. [Informação complementada pela RBSE].

localizáveis geograficamente e classificáveis pelo aspecto exterior, material, e pela função na vida coletiva, pela mentalidade, vida particular, atividade etc. Grupos estes cuja vida social se exprime em fórmulas gráficas, em curvas estatísticas e em representações cartográficas. Assim, a Ecologia, retomando os princípios que os fundadores seguiram parcialmente, os ultrapassa, apresentando uma média nítida, detalhada, quer da morfologia social (extensão geográfica ocupada por cada grupo ou área cultural), quer da fisiologia ou dinâmica social (medida estatística dos processos sociais de cada área).

A cidade é um grupo humano ocupando uma área geográfica, possuindo um sistema de serviços técnicos, institucionais, administrativo, econômico, etc.. A organização ecológica da cidade compreende uma distribuição espacial da população e das instituições sociais e uma sequência temporal de suas estruturas e funções sob a ação de forças seletivas, distributivas, de competição, tendentes a um resultado típico.

A organização ecológica de uma cidade é facilmente dominada pelo pesquisador graças a índices sensíveis de medida tais como: o valor das propriedades imobiliárias (preço do terreno, valor do prédio, valor locativo). As ruas, rios, estradas de ferro, linhas de bondes, chaves de estradas de ferro são marcas divisórias entre as diferentes áreas ecológicas.

A morfologia típica das cidades

Um dos fenômenos típicos do desenvolvimento das cidades é a adição em áreas ecológicas, acompanhada por uma redistribuição e realojamento da população da área primitiva e, assim, o crescimento é um processo contínuo de organização e desorganização. As monografias numerosas sobre cidades americanas mostram que o movimento de expansão de uma grande cidade pode ser ilustrado por uma série de círculos concêntricos que representam tanto as sucessivas zonas de expansão urbana, como o tipo de áreas diferenciadas nesse mesmo processo de expansão:

O *centro* comercial, político, administrativo: Zona de grande comércio (casas atacadistas, casas que fornecem de tudo, como o Mappin, Alemã, etc.), dos bancos, apartamentos para escritórios, centro de linhas de transporte, grandes hotéis, teatros, edifícios públicos de administração, etc.

Característicos materiais: casas altas, arranha-céus, arquitetura moderna, casas sem quintais e jardins, unidas, novas, aproveitando o máximo do terreno.

Característicos econômicos: zona de maior preço de terrenos e edifícios. “As áreas de maior mobilidade são as de maior preço dos estabelecimentos comerciais” (Mckenzie).

Característicos sociais: A centralização é sempre acompanhada de divisão de trabalho e especialização, e são estes característicos que encontramos no centro. Quanto mais especializado maior distância atinge, e é por isso que certas cidades altamente especializadas (cidades universitárias, industriais, comerciais, administrativas... Coimbra, Cambridge, Washington, Chicago) alcançam uma área de irradiação muito vasta. O centro é uma zona continuamente invasora, em tempos de progresso, porque sempre que a concentração se torna congestão ela determina a descentralização pela invasão de outras áreas, acarretando uma zona de transição.

Encontramos, aqui, a centralização do controle político-administrativo. A centralização é função da mobilidade (Mckenzie) e, quanto maior a mobilidade, maior é a centralização. Assim, um dos índices de centralização é o número que penetram e saem diariamente do Centro, devido a ocupações, compras, diversões... (em Chicago entra diariamente meio milhão de pessoas. Em New York, em 1921, entraram 2,5 milhões de pessoas).

O centro nunca é medido pelos recenseamentos porque, em geral, estes tomam como unidade de medida a casa residencial (casa, hotéis, etc.), e os centros, em geral, são desabitados. Se o censo o medisse, encontraríamos aqui uma distribuição demográfica caracterizada por um número máximo de homens, o valor máximo de valor econômico (máximo de indivíduos produtivos), máximo de adultos, etc. É uma zona sem residentes próprios, sendo servida intermitentemente durante as horas de trabalho e à noite (diversões) pelos indivíduos das outras áreas. Por isso mesmo é a zona de maior concentração durante o dia e menor à noite.

16. *Zona de competição* comercial intensa, mas, controlada por forças sociais que determinam uma homogeneidade de preços.
17. *Zona de transição* que começa a ser invadida pelo Centro, pelos altos negócios, pelas casas de apartamentos, zona de conflito entre os limites e extremos da região central e das residências modestas, e por isso se manifesta pela deterioração material e moral. É uma das zonas mais interessantes de uma cidade por revelar antagonismos profundos. É a região do *Slum* (favelas, cortiços)... onde encontramos a deterioração moral em mais alto nível: a região de maior *chômage* (desemprego), dos oradores de comício, das prostitutas, dos restaurantes baratos, das agências de emprego, das missões de regeneração social, da manufatura ligeira, da boemia elegante, das *garçonnières*, dos clubes para homens, dos indivíduos solitários, dos bordéis, dos cabarés, do reino de bandos de garotos formando associações, dos entorpecentes, dos tóxicos, dos vícios, etc..

É a área de menor escolha profissional e social, manifesta no preço mínimo da habitação, revelando mais uma vez a segregação imposta a esta zona e o caráter repelente que adquire em relação aos indivíduos das outras áreas. Por outro lado, como é uma área invadida pelo centro, o terreno aí é disputado e o seu preço se torna muito elevado, bem como o imposto relativo, de propriedade, o que obriga o proprietário a alugar o prédio a funções parasitárias e segregadas (cabarés, meretrício, casas de jogos proibidos). É uma área de menor escolha... quanto mais baixo o nível econômico, menor se torna as possibilidades de escolha.

É, também, a área de maior mobilidade social devido ao crescimento intenso do centro. É a área onde a organização e a desorganização se processa continuamente. Contudo, cada vez que o crescimento e mobilidade ultrapassam um índice normal, eles determinam efeitos patológicos manifestos na porcentagem anormal de suicídios, divórcios, relações irregulares, vícios escusos, comércio de tóxicos, moléstias, crimes. É também a área onde encontramos maior número de crianças abandonadas expostas, miséria e abortos.

A mobilidade extrema se denuncia pelas relações comerciais. Nessas, as relações controladas da competição são ultrapassadas, - como verificamos no Centro, - e os atritos se tornam mais numerosos e as falências se sucedem.

Essa mobilidade é causada por dois fatores:

18. 1. *Pela mobilidade material*: os indivíduos dessa área não se sentem presos a ela por laços econômicos (propriedade ou profissão), ou sociais (família, clubes, relações, centros, associações) e, assim, são mais independentes para se locomover para outras cidades.
19. 2. *Pela mobilidade moral*: é a zona em que encontramos os indivíduos mais diversos, por origem, crença, raça, educação, cor, etc., e esse contato de todos os credos, ideias, etc., cria uma plasticidade

mental extrema e uma aceitação rápida de todas as coisas. Não há fixação de convenções, de tabus ou credos. É aí também que a Ecologia verificou a localização da primeira geração de imigrantes, ainda desintegrados da sociedade total, ainda não assimilados. A segunda, já assimilada, se localiza na área residencial modesta.

Há certas evidências palpáveis que revelam a área de deterioração: a construção de edifícios públicos atrativos, mas repulsivos ao padrão de moral comum (cabarés, casas de jogo, casas de *rendez-vous*...); e a modificação da base econômica, exigindo uma redistribuição de valores. O preço não tem tabela, flutua de acordo com a competição intensa. As terras se valorizam demais e as construções decaem em preço, sendo estas alugadas para funções parasitárias. O imposto de propriedade é superior ao que permite a utilidade. Entre as diversas atividades com as mesmas exigências ou com exigências complementares verificam-se associações, como as reveladas pelos *trusts* em cabarés, teatros, casas de jogos, entre *chauffeurs*, etc.

O grande comércio do Centro cede aqui lugar ao pequeno comércio de retalho, casas de *bric-a-brac*, etc.. Verificam-se, também, as filas de automóveis diante do maior mercado.

A invasão se evidencia pela intromissão de um novo tipo de mercado: o meretrício, os vícios, ou o comércio de retalhos. É uma das zonas de mais baixo nível de vida, principalmente nos extremos de sua área (o meretrício próximo às quadras entre Santa Efigênia e Estação).

20. *A área residencial modesta*: é uma zona habitada por empregados de comércio, por funcionários públicos que escaparam da área de deterioração e procuram local de acesso fácil aos seus empregos, no centro, além das famílias modestas, pequenos capitalistas e média burguesia, que aí buscam um nível de vida mais módico.

Características materiais: vemos aqui casas pequenas, muito unidas, em geral antigas, de arquitetura velha, térreas, sem quintal e jardim, revelando uma homogeneidade de tipo de construção. Encontramos aqui um grande aproveitamento de terreno, revelado pelas casas comprimidas umas às outras, devido a esta área estar comprimida entre as duas outras: a de transição, invasora, indefinida, e a outra, perfeitamente definida, a residência de luxo.

É uma das áreas de menor mobilidade da cidade, e esse traço é verificado por índices variados: viagens, número de telefones, rádios, jornais assinados, etc.. Um dos seus característicos econômicos é o preço baixo do terreno, e menor ainda de habitação. Somente a zona suburbana apresenta preços menores. É também a área em que o preço do terreno é mais homogêneo.

Características sociais: as relações de vizinhança são muito acentuadas, as relações são íntimas e, correlatamente a esse traço, a censura e coerção social são intensas, o tradicionalismo muito pronunciado, etc.. Verificamos um grande equilíbrio em relação às distribuições demográficas de sexo, idade, etc., e no número de indivíduos de cada família.

É uma zona de pouca mobilidade social: a mobilidade material é restrita, prendendo-se somente às exigidas pela ocupação (localizada no Centro); as condições econômicas precárias impedem as viagens; a mobilidade moral também é pequena devido a ser uma área de pouca invasão. A zona de transição é repelida e a zona residencial a repele. Os imigrantes a escolhem somente na segunda geração, quando já assimilados.

Todos esses característicos fazem dessa área a mais definida, a mais cristalizada, e a mais propensa a estagnação material e moral da cidade. Por isso mesmo, por ser a

região do tradicionalismo e do estatus social atingido com maior equilíbrio, é onde encontramos menor número de suicídios, desordens, vícios, adultérios, etc.. Índices de desassimilações tão comuns nas outras áreas. É aqui onde encontramos, em mais alto grau, o cunho da comunidade, o espírito regional, a mentalidade típica da terra.

21. *A área residencial de luxo*: é uma área escolhida pela alta burguesia, pelos capitalistas, fazendeiros, grandes industriais, alto funcionalismo e dirigentes públicos.

Característicos materiais: casas residenciais ocupando grandes terrenos, jardins, quintais, garagens, etc.. O tipo arquitetônico é variadíssimo. O aproveitamento do terreno é mínimo. O preço muito elevado, mas inferior ao do centro, por ser uma zona de escolha e não invadida. Encontramos também aqui o número máximo de telefones, rádios, *frigidaires* e outros luxos.

Característicos sociais: esta área é caracterizada por dois traços que parecem contraditórios: pequena mobilidade social interna (mobilidade dentro da mesma cidade): somente os homens, em geral, saem regularmente e diariamente para seus negócios. As mulheres têm mobilidade periódica (dias chás elegantes, de receber visitas, de jantares em restaurantes de luxo, de cinemas, e de teatros); e de grande mobilidade para o exterior: viagens e passeios.

É uma área altamente segregada, mas de segregação voluntária a fim de marcar o seu lugar social. Cada vez que sente a sua região geográfica, as manifestações do seu estatus social (hora e dia de exibição de elegância) invadidas, essa área muda de localização (alongamento dos bairros residenciais pelos subúrbios) ou de hora e dia de definição de seu valor social.

A seleção econômica é pouco homogênea. Quanto mais elevada estiver a área, em condição econômica, menos homogênea ela se revela, devido à multiplicação dos meios de escolha (Emory Bogardus).

É a área, também, de menor cristalização e estagnação do padrão comum moral, usos e costumes, devido ao intercâmbio cultural, - cinema, teatro, literatura, colégios estrangeiros, viagens, etc., - e, por isso, muito mais que a residencial modesta e suburbana, mas menos que o centro, propensa às modificações. As transgressões à moral comum são sempre iniciadas nessa área, embora, disfarçadamente, sob sigilo, no começo, e exibicionismo, depois. Encontramos, aqui, a mentalidade tipicamente burguesa, em suas contradições interessantes: preconceitos e liberdades.

22. *Área suburbana*: os subúrbios constituem, para Mckenzie, as cidades satélites subsidiárias. Quanto maior for a expansão da cidade, maior será a tendência à formação desses subnúcleos comerciais subsidiários do centro, devido à distância e dificuldade de abastecimento direto, por parte da área, no centro. Vemos uma nova intensificação de comércio e, às vezes, de edifícios públicos subsidiários dos centrais (correios, cartórios, etc.).

Os seus habitantes formam a população proletária: proletariado de fábrica que a escolhe para melhor acesso ao trabalho nas fábricas, localizadas na região limítrofe, entre a zona residencial de luxo e a suburbana; proletariado ou pequenos proprietários agrícolas (chacareiros) que se aproveitam do preço ínfimo do terreno para adquirir propriedade.

Característicos materiais: casas humildes, pequenas, muito baixas, muito unidas, quando localizadas nas regiões vizinhas às fábricas, mais espaçosas na periferia (chácaras). São as casas mais baratas da cidade e, também, de preço de terreno menor. Encontramos, aqui, as vilas e os cortiços.

A mobilidade social, aqui, acompanha as exigências do trabalho, sendo grande devido à facilidade, por serem os seus habitantes, em geral, locatários de casas e não proprietários. As relações sociais de vizinhança são bastante pronunciadas e reveladas pelo grupo em palestra, sentados junto às portas das habitações, pelos bandos de garotos brincando nas ruas, pela cooperação em doenças, desgraças, etc.. Nela encontramos uma porcentagem grande de crianças, de analfabetos, e uma grande propensão à sugestão a comícios, etc..

O mapa ecológico de uma comunidade mostra claramente a tendência de cada zona a estender a sua área, invadindo outras. Esse aspecto da expansão é chamado, como vimos, de sucessão, e é revelado, nitidamente, nos gráficos estatísticos dos valores imobiliários. O processo de crescimento pode ser estudado pelo crescimento físico e comercial e pelas modificações na organização social.

Vemos, assim, sintetizadas, na Ecologia, as duas noções mais fascinantes da Escola Sociológica Francesa: a morfologia estrutural das sociedades e a dinâmica social, responsáveis pelos processos sociais. O suicídio, o divórcio, a delinquência, a falta de integração social, etc., serão estudados, não na sociedade em sua totalidade, mas em relação à sua morfologia interna, ou subgrupos sociais. Cada área ecológica tem uma densidade diferente, devendo por essa mesma razão apresentar, em graus de intensidade diferentes, os processos e fenômenos sociais.

Serão certos fenômenos sociais característicos de certas áreas? Sob que condições locais tendem certos fenômenos a decrescer ou a se intensificar? Qual o grau de responsabilidade de cada área em relação aos processos fundamentais da vida de uma comunidade? A estrutura física da área é produto do caráter e ocupação dos atuais ocupantes e determina o caráter e a ocupação dos futuros. Os elementos atuais geográficos e humanos são forças básicas da vida social.

Em resumo: o método ecológico, síntese de métodos, incorre nas vantagens e dificuldades de todos eles; tem a grande vantagem de trazer uma nova concepção à análise dos fenômenos sociológicos, considerando a vida social em sua totalidade e sua evolução. Como tal, corrobora na reação feita pela Sociologia cultural ao método comparativo: “o método comparativo fraciona um fato social do todo orgânico de que faz parte, e como que mutila a realidade social”. Reage contra a tendência analítica da Sociologia de fins do século 19 e começo de 20 que levava cada departamento da Sociologia: Sociologia doméstica, religiosa, econômica, etc., a estudar um grupo de fenômenos deslocado do conjunto social de que fazia parte.

Um fato social só tem significado dentro do todo orgânico e do passado histórico que o criou. Elaborando a noção de morfologia e densidade, chama a atenção para a responsabilidade dos diferentes grupos sociais em relação aos processos e fenômenos sociais. A influência da sociedade geral nem sempre é determinante em relação ao fenômeno, principalmente, nas cidades modernas; de crescimento rápido e dinâmico, devido à imigração ou condições locais.

Nessas é muito mais interessantes estudar o suicídio, o crime, a mendicância, a desorganização social, em relação aos grupos de que fazem parte os indivíduos (burguesia, proletariado, etc.), do que em relação à sociedade em geral. E isto porque elas não possuem ainda suficiente passado histórico para se ter criado uma *alma coletiva*, uma personalidade homogênea, uma mística integradora.

Foge, também, do defeito da Sociologia cultural que, seguindo um complexo cultural transpõe fronteiras, procurando constituir a gênese e histórico do mesmo, e abandona as sociedades que não a interessam nesse processo de difusão, mas são apenas acidentes, por assim dizer. E mais, nenhum outro método parece tão oportuno à Sociologia Educacional [do que o Método Ecológico]. Somente ele pode revelar a correlação

estreita que há entre o sistema social geral e o sistema educacional. Apresenta sugestões preciosas sobre o característico e necessidades dos grupos; sobre as exigências das diferentes zonas em relação à educação; sobre a estatística das profissões e exigências do mercado profissional para um fim educacional utilitário; sobre as vocações nos diferentes grupos ecológicos, para localização e escolha apropriada das diferentes escolas: primárias, profissionais, secundárias e superiores.

